



Revista ENFIL

Dossiê “Educação na pandemia”

Entrevista com Dermeval Marins, Coordenador Geral do SEPE-RJ, doutorando em História Social pela UFRRJ, membro da Resistência-PSOL, Presidente do diretório do PSOL-Itaboraí, Professor de História na Prefeitura Municipal de Magé e na Rede Estadual de Educação do RJ.

ENFIL: Quando a suspensão das atividades pedagógicas presenciais foi anunciada, em março de 2020, em função da pandemia do novo coronavírus, algumas redes de educação, como a SEEDUC-RJ, se apressaram a anunciar a implementação do ensino remoto emergencial, obrigando os profissionais de educação a utilizar a plataforma Google Classroom como instrumento de trabalho e interação com os estudantes. Quais foram os principais problemas e desafios apontados pelo SEPE-RJ em relação ao trabalho remoto nesse estágio inicial e em seu desenvolvimento?

DERMEVAL: O SEPE inicialmente foi contra o Ensino Remoto, percebendo que ele era um ataque à educação pública, com a inserção de diversas plataformas digitais produzidas pelo empresariado, isto é, uma das muitas investidas do capital sobre a educação pública. Porém, com o prolongar da pandemia, acreditávamos que seria importante ter um espaço de diálogo com os educandos durante o distanciamento social, com a intenção de mantê-los em conexão com a escola e ampará-los em suas dúvidas e incertezas diante da crise sanitária. Naquela conjuntura, fazer com que os alunos se preocupassem com os conteúdos era algo que nós considerávamos desumano. Mesmo assim, a SEEDUC impôs que fossem realizadas aulas remotas. As interações entre professores e estudantes pelo GOOGLE Classroom ficaram demasiadamente prejudicadas, primeiro pela própria falta de estrutura para que tanto professores e estudantes conseguissem dialogar remotamente. Não teve nenhuma política de distribuição de tablets e/computadores, com acesso à internet, para que os estudantes pudessem acessar de forma adequada a plataforma, assim como não ocorreu em tempo essa mesma distribuição para os professores. Diante deste fato, o uso da plataforma Google Classroom ficou limitada à inserção de conteúdos e respostas dos estudantes às perguntas inseridas pelos professores.

ENFIL: De que maneira as desigualdades escancaradas pela pandemia de COVID-19 se fizeram presentes no trabalho remoto desempenhado pelos profissionais de educação, tanto em relação aos docentes, quanto em relação aos funcionários de escolas?

DERMEVAL: Bem, nem todos possuem facilidade com o uso das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Muitos dos docentes mais velhos nem mesmo possuem computadores em casa para poder usar a plataforma Google Classroom. A pandemia

escancarou, portanto, as desigualdades sociais entre os professores. Por outro lado, para os demais funcionários da escola a situação ficou ainda pior, na medida em que seu trabalho não pode ocorrer de forma remota, muitos foram convocados no auge da pandemia da covid-19, escancarando as desigualdades dentro da própria categoria dos profissionais da educação.

ENFIL: Como a direção do sindicato avalia a deflagração da Greve pela Vida, nas redes estadual e municipais, no auge da contaminação pelo novo coronavírus e diante da convocação de profissionais pelos governos?

DERMEVAL: Assim como nunca tínhamos vivido uma pandemia, a Greve pela Vida foi a primeira Greve que deflagramos com o objetivo de preservarmos as vidas, tanto dos profissionais da educação quanto dos estudantes. Pelo tempo que perdurou, o SEPE compreende que a Greve pela Vida foi vitoriosa: salvamos milhares de vida que poderiam ter sido perdidas caso os profissionais da educação tivessem aceitado o retorno para a escola.

ENFIL: O índice de relatos de assédio moral aumentou durante a pandemia? Quais foram as principais queixas dos profissionais de educação?

DERMEVAL: O retorno para o trabalho nas unidades escolares, sem os protocolos mínimos necessários, no auge da pandemia, foi em si um dos piores assédios coletivos vividos pelos profissionais da educação. Mesmo com a greve, não foram poucas as direções que ameaçaram os trabalhadores da educação para voltarem aos seus postos de trabalho. Além disso, a SEEDUC obrigava a manter a rotina escolar no ensino remoto, fazendo com que os professores estivessem na plataforma no horário regular das aulas a despeito dos mesmos estarem em seus lares e com filhos, não dispoendo, portanto, de espaço próprio e apartado das tarefas domésticas e dos cuidados com a reprodução da vida - sendo que boa parte dos estudantes acessavam a plataforma em horários diversos daquele.

ENFIL: Em relação à saúde mental dos educadores, como a pandemia afetou os profissionais de educação?

DERMEVAL: O medo constante da possibilidade de corte de ponto aos grevistas e de, conseqüentemente, ter os salários cortados se constituiu como um ataque. Mesmo com o retorno, o medo da contaminação em sala de aula, devido à quantidade de alunos por turma, e a ausência de protocolos mínimos gerou preocupação para os profissionais da educação, aumentando os níveis de ansiedade e depressão para a categoria.

ENFIL: O SEPE tem conhecimento de outros problemas de saúde que tenham afetado os profissionais de educação no período pós-pandêmico?

DERMEVAL: Além da ansiedade, depressão a síndrome do pânico.

ENFIL: No período pandêmico, o SEPE-RJ promoveu uma Conferência de Educação, em formato virtual, para debater os problemas que a educação pública estava enfrentando naquele momento. Como as resoluções da Conferência auxiliaram o sindicato na condução das lutas em um momento de tantas adversidades?

DERMEVAL: As resoluções da Conferência serviram para acumulo, frente ao avanço da privatização da educação pública (tal como as plataformas educacionais) e das pautas conservadoras que estavam em alta naquele período, como o homeschooling, o Escola Sem Partido, ideologia de gênero. Além disso, a conferência debateu outras pautas importantes,

como a defesa da Educação de Jovens e Adultos, a valorização do magistério, o debate sobre inclusão e gestão democrática no espaço escolar.

ENFIL: Passados mais de dois anos desde o início da pandemia de COVID-19, quais são, na avaliação do sindicato, os principais desafios a serem enfrentados pelos educadores no chão das escolas públicas nos próximos tempos?

DERMEVAL: A pandemia da COVID-19 escancarou a falta de estrutura das unidades escolares. Temos uma escola precária aos moldes do século passado. Mas, para além disso, um dos principais desafios é a luta pelo Piso Nacional do Magistério e do Piso Regional dos Funcionários, já que muitos dos funcionários administrativos das escolas públicas estaduais recebem menos que um salário mínimo. A luta pela Revogação do Novo Ensino Médio, que precariza a educação dos filhos da classe trabalhadora, retirando disciplinas fundamentais como sociologia e filosofia, também é uma das principais lutas que os educadores devem travar.